



***INFÂNCIAS NO YOUTUBE: ANALISANDO DISCUSSÕES SOBRE
GÊNERO EM VÍDEOS DE CRIANÇAS***

***INFANCIAS EN YOUTUBE: ANALIZANDO DISCUSIONES SOBRE
GÉNERO EN VIDEOS DE NIÑOS***

***CHILDHOODS IN YOUTUBE: ANALYZING GENDER DISCUSSIONS IN
CHILDREN'S VIDEOS***

*Gabrielle Farias Pedra*¹

RESUMO

As crianças, cada vez mais, estão se apropriando das diferentes tecnologias, sendo a plataforma YouTube uma delas. Ao se tornarem youtubers, as crianças produzem vídeos e apresentam suas experiências e, nessa dinâmica, mostram quem são, mostram diferentes formas de ser criança, como também as formas de ser menino ou menina. Quatro vídeos foram selecionados e analisados observando os entendimentos e discussões sobre as questões de gênero neles presentes. Na investigação dos vídeos, foi possível realizar algumas análises sobre “ideologia de gênero” e o quanto, a partir dos relatos e das brincadeiras das crianças, emergem questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. You Tube. Crianças youtubers. Gênero.

RESUMEN

Los niños cada vez se están apropiando más de las diferentes tecnologías, siendo la plataforma YouTube una de ellas. Al convertirse en youtubers, ellos producen vídeos y presentan sus experiencias, en esta dinámica muestran quiénes son, muestran diferentes formas de ser niños, así también como ser niño o niña. Cuatro vídeos fueron seleccionados y analizados observando los entendimientos y discusiones sobre los cuestionamientos de género en ellos presentes. En la investigación de los vídeos, fue posible realizar algunos análisis sobre "ideología de género", y cuántos cuestionamientos de género emergen desde los relatos y juegos de los chicos y chicas.

PALABRAS-CLAVE: Infancias. YouTube. Niños youtubers. Género.

¹ Pedagoga. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

ABSTRACT

More and more children are appropriating different technologies, with YouTube being one of these platforms. By becoming youtubers, children produce videos and present their experiences and in this dynamics show who they are, manifest different ways of being a child, as well as being a boy or a girl. Four videos were selected and analyzed observing the understandings and discussions on the gender issues in them. While investigating the videos, it was possible to carry out some analyzes on "gender ideology" and how gender issues emerge from children's reports and play.

KEYWORDS: Childhoods. You Tube. Children youtubers. Gender.

Aperte o Play: Iniciando a conversa sobre gênero e infâncias no YouTube

Este artigo tem como proposta realizar a análise de alguns vídeos de crianças youtubers, buscando perceber quais entendimentos e discussões sobre as questões de gênero estão presentes. Entende-se a plataforma YouTube como um espaço que produz ensinamentos e subjetividades a partir de seus vídeos que compartilham experiências, sentidos das pessoas e passam a ensinar formas de ser e estar em sociedade. Quando as crianças ocupam esse espaço e expõem seus pensamentos, elas passam a falar de si mesmas, a produzir e reproduzir significados presentes nas diferentes instâncias sociais, incluindo as formas de ser menina ou menino.

No texto serão feitas discussões a partir de quatro vídeos selecionados no youtube devido suas articulações com as questões de gênero, como também levando em conta o entrelaçamento com discussões sobre o ser criança, sobre brinquedos e brincadeiras. Os vídeos são separados em duas categorias: "Ideologia de gênero" na fala de crianças: equívocos sobre gênero; Brincar, Interpretar e relatar: e, os gêneros nas vivências das crianças.

"Ideologia de gênero" na fala de crianças: equívocos sobre gênero

Nesta categoria, serão discutidos alguns apontamentos feitos pelas crianças em seus vídeos os quais abordam discurso disseminado por alguns/mas religiosos/as sobre "ideologia de gênero". Dois vídeos serão discutidos, sendo eles: Vídeo 1 "Ideologia de

Gênero (O MUNDO, 2017)²; Vídeo 2 “Trio R3 - Nosso gênero vem de Deus (TRIO R3, 2018)³”.

Os vídeos dessa categoria são os únicos que utilizam a palavra “gênero”, isto porque estão ligados ao movimento que se diz contrário à “ideologia de gênero”, o que os diferenciam dos vídeos de outras crianças, que discutem, a partir de suas vivências. Quem está em meio a esse movimento se apropria do termo gênero, porém diferente da forma como apresentam estudiosos/as e pesquisadores/as dos Estudos de Gênero.

Assim, como esses vídeos, outros materiais foram construídos dentro dessa perspectiva como a “Cartilha contra a ideologia de gênero” que foi comentada pela Prof.^a Dr.^a Jimena Furlani em 2015⁴, que afirma que “O termo ‘ideologia de gênero’ NÃO ESTÁ PRESENTE, não é de uso no contexto das Teorias de Gênero. Esse termo, essa expressão, foi criada/inventada, recentemente, no interior de alguns discursos religiosos. Trata-se de uma INTERPRETAÇÃO, EQUIVOCADA e CONFUSA, que não reflete o entendimento de ‘Gênero’” (FURLANI, 2015, p. 2).

Rogério Junqueira (2017), pesquisador dos Estudos de Gênero e Sexualidade, realizou um estudo sobre a origem do termo “Ideologia de gênero” e afirma que este não é um conceito científico e nem funciona como “rótulo político” que foi “progressivamente se deslocando dos contextos do Vaticano e passaram a animar ações midiaticamente muito eficazes” (JUNQUEIRA, 2017, p. 28). O envolvimento com as mídias foi tão grande que crianças no espaço do YouTube também compartilham esses significados, produzindo e reproduzindo equívocos que buscam “instaurar um clima de *pânico moral* contra grupos social e sexualmente vulneráveis e marginalizados” (JUNQUEIRA, 2017, p. 29).

Ao perceber o que as crianças estão falando em seus vídeos podemos observar tais discursos que estão cada vez mais se disseminando e compreender o que está sendo discutido e entendido, assim como quais as interpretações sobre gênero existentes.

² O vídeo faz parte da playlist “KIDSCÍPULOS” do canal “O Mundo de Otávio”, canal religioso voltado para quem é criança ou gosta de crianças. Essa playlist é apresentada por meninos e meninas, os quais contam as histórias da Bíblia através de brinquedos. As crianças que fazem esses vídeos se uniram para falar a partir do movimento em rede social denominado “Meu Deus não erra” que moveu internautas contra a “ideologia de gênero”.

³ O vídeo pertence a três crianças que cantam músicas gospel e as apresentam em seus vídeos. Esse vídeo em específico é de uma música falando sobre gênero. Cantores: Irmãos – Raiany, Rony Rayssa. Produção: Maestro Ronny Barboza. Composição: Alberto de Mattos.

⁴ “IDEOLOGIA DE GÊNERO”? Explicando as CONFUSÕES TEÓRICAS presentes na CARTILHA. Esse documento pode ser encontrado através do link: https://www.facebook.com/jimena.furlani/media_set?set=a.778486398939707&type=3.

Tanto o Vídeo 1, quanto o Vídeo 2 fazem parte de contextos religiosos e trazem em suas discussões argumentos pautados na fé. No Vídeo 1, são quatro crianças que revezam a fala para fazer uma campanha contra a “ideologia de gênero”. O Vídeo 2 é uma produção musical de três crianças, com uma canção que fala sobre o gênero vir de Deus.

Inicialmente, no Vídeo 1, as crianças explicam o que é a “ideologia de gênero” dizendo que se acredita que não se nasce homem nem mulher, que a pessoa pode escolher o que quer ser e que se tem como objetivo confundir as pessoas. A “ideologia de gênero”, da qual falam, entra em confronto com as discussões dos Estudos de Gênero e, as relações descontextualizadas no vídeo dão a entender que ao falar sobre gênero se busca desconstruir todas as construções que a sociedade fez até hoje, querendo mudar quem as pessoas são e investir em uma inversão do que se tem atualmente.

Entretanto, o que acontece são questionamentos a essa ordem estabelecida, pois vivemos em uma sociedade plural. São questionamentos sobre as diferenças estabelecidas para homens e mulheres, meninos e meninas, sobre o que é cobrado às pessoas a partir dessas diferenças. O que se almeja é uma promoção de equidade de gênero, possibilitando direitos de mulheres e homens de forma justa, possibilitando que as pessoas vivam e desfrutem suas vivências sem serem barradas por não estarem correspondendo a seus gêneros, e isso dá o direito também a viverem de acordo com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento, pois o que importa é a liberdade de expressão e a de ir e vir.

Quando o Vídeo 1 discorda que não se nasce homem ou mulher e afirma que Deus os e as fez, meninos e meninas estão entendendo que o gênero é algo natural, estão fazendo uma relação entre gênero e sexo. O Vídeo 2 reforça essa ideia com a frase: “*O bondoso criador fez meninos e meninas com o seu imenso amor a palavra nos ensina*”. Com isso, os dois vídeos demonstram o envolvimento religioso presente nos argumentos contrários às questões de gênero. No Vídeo 1, as crianças enfatizam que o gênero está contra tudo o que acreditam e mostram seus posicionamentos diante disso:

Pois com isso eles querem confundir também a nossa fé dizendo que nosso Deus pode errar. Querem trocar a verdade de Deus por uma mentira. Mas o nosso Deus nunca erra. Ele nunca erra. Por isso a nossa resposta contra a ideologia de gênero é: meu Deus nunca erra. O meu Deus nunca erra.

O Vídeo 2 também faz considerações parecidas:

Não nasci no corpo errado, o meu criador amado desenhou um corpo para mim. Sou menina, menina feminina. Sou menino, menino masculino. Não somos acidentes, nem erros divergentes, fomos feitos pelo criador.

Os dois vídeos apresentam uma insatisfação com a ideia de contrariar suas crenças religiosas. Entretanto, independentemente de pensarem na criação de Deus sobre a vida ou a partir da perspectiva da ciência, os Estudos de Gênero não negam a materialidade dos corpos, nem as questões biológicas, pois não há intenção de modificar a fé de ninguém. O que se diz sobre não nascer homem ou mulher é devido a essas características serem atribuídas a partir do sexo biológico. Nasce-se sendo macho ou fêmea e, assim que se descobre essa materialidade dos corpos, se começa a fazer atribuições sobre eles.

O ser homem ou mulher, menino ou menina “é transmitido às crianças desde o nascimento pelas práticas culturais estabelecidas, num primeiro momento pela família e, depois, pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, o clube, a mídia” (RIBEIRO; SOARES, 2013, p. 27). Normalmente essas instâncias reforçam estereótipos ensinando uma forma específica de ser menino ou menina, como, por exemplo: “meninos são fortes, jogam bola, usam roupa azul; meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam rosa” (RIBEIRO; SOARES, 2013, p. 27). Entretanto, é necessário possibilitar que as vivências não se encerrem nesse binarismo, que possam ser plurais, pois existem muitas formas de ser menino ou menina.

Os Vídeos 1 e 2 possuem uma visão de individualidade, e, ao final dos vídeos as crianças dão ênfase a como se sentem quanto aos seus corpos, suas vivências ainda trazendo suas crenças religiosas, como pode ser observado nessas frases:

Vídeo 1: Meu Deus não errou comigo

Vídeo 2: Me aceito como sou, vou cumprir o meu chamado.

Não há empatia nessas frases, elas olham apenas para si mesmas, um ponto de vista individual, sem tentar perceber a forma como o/a outro/a se sente diante das imposições feitas para eles/as de como devem viver. As crianças que estão nesses vídeos representam apenas uma parte, uma forma de pensar, todavia existem muitas outras, e as ideias de todas devem ser respeitadas, muito embora algumas ideias possam ferir o direito das outras de serem como são.

Brincar, Interpretar e relatar: os gêneros nas vivências das crianças

Nesta categoria, os vídeos selecionados apresentam através das falas e das brincadeiras das meninas, suas ideias articuladas às discussões de gênero. Os vídeos escolhidos são: Vídeo 3: “Brinquedos” do Canal “Meu nome é LIV”⁵ e Vídeo 4: “Existem brinquedos e cores só de menina? Ou só de menino?” do Canal “Hellen para Amores e amoras”⁶.

No Vídeo 3, do canal “Meu nome é Liv”, a protagonista é uma menina de cinco anos e neste vídeo selecionado ela brinca, interpreta e expressa sua opinião sobre o tema brinquedos, explorando estritamente as relações de gênero. Liv inicia o vídeo justamente falando sobre a importância do brincar:

Não existe brinquedo de menino e nem de menina. É de criança. Se você se diverte fazendo o que você gosta qual mal que tem?

É essa liberdade de ser criança, meninos ou meninas, que os Estudos de Gênero buscam alcançar que qualquer criança possa brincar do jeito que quiser e ser feliz. No Vídeo 4, Hellen fala de seus brinquedos e das suas brincadeiras favoritas e é possível identificar essa felicidade no envolvimento da menina ao falar do que gosta:

Eu gosto de brincar de futebol, eu gosto de jogar bola mesmo que eu seja muito “Ai meu deus eu não quero sujar minha roupa”, mas agora eu to melhorando minha jogada de bola GOOOOOL. Eu também gosto de jogar bolinha de gude, inclusive eu tenho esse monte de bolinha de gude, desde quando eu era pequenininha. Eu e o meu avô, a gente jogava muita bolinha de gude. Simplesmente eu sou muito boa em bolinha de gude, pode ter certeza que eu vou ganhar de você. Eu tenho bastante até.

Nesse trecho, a youtuber inicia falando sobre não gostar de se sujar e essa característica é, muitas vezes, atribuída às meninas por serem consideradas mais delicadas e gostarem de brincadeiras mais calmas. Entretanto, não querer se sujar pode ser uma característica de qualquer pessoa, já que tem mais relação com a educação dada em casa. Se a família permite que a criança tenha momentos de contato com materiais

⁵ O vídeo pertence a uma menina de cinco anos de idade que faz comentários sobre diferentes assuntos, fazendo atuações, cantando, apresentando seus próprios brinquedos e contando histórias de sua vida. No vídeo “Brinquedos”, ela fala sobre os brinquedos que gosta e discorda das separações de brinquedos a partir do gênero.

⁶ O vídeo pertence a uma menina com 11 anos de idade que tem um conteúdo bem diversificado na plataforma YouTube, ao fazer experiências, contar histórias, dar dicas de jogos e utilização de tecnologias, entre outros. No vídeo escolhido, a menina questiona a existência de brinquedos, cores e roupas de meninos e meninas relacionando às suas vivências com as de seu irmão menor.

que produzem determinada sujeira, como, por exemplo, tinta, terra e farinha, ela terá esse costume, caso contrário, terá receio. As relações de gênero entram nesse momento, quando existe uma cobrança na criação de meninas por estarem sempre impecáveis visualmente.

Outra fala de Hellen acaba se relacionando com a construção social que diferencia meninos e meninas em determinadas atividades. Quando a menina diz: “*mas agora eu to melhorando minha jogada de bola*” (HELLEN, 2018), é possível perceber que ela ainda não tem um domínio, porém está treinando. Assim como a possibilidade de se sujar, visto que, desde pequenos, a maioria dos meninos ganha de presente bolas e, com isso, acabam treinando mais cedo do que as meninas, pois a maioria das meninas possivelmente terão contato com a bola a partir de seu interesse, se surgir, como o caso da youtuber. Na fala dela é possível observar a importância da prática com os materiais, do treinamento, pois no futebol ela pode não ser tão boa, porém com bolinhas de gude, que desde pequena jogava com seu avô, ela garante vencer o jogo. Dessa forma, não é o gênero que diz as habilidades das pessoas, mas a preferência e o treinamento.

As crianças começam a questionar o que tem sido colocado a elas, não aceitando imposições se podem ou não brincar com determinados brinquedos ou brincadeiras, assim como, também, questionam a posição das mulheres e dos homens a partir do que veem. Isso pode ser visto de forma mais específica no Vídeo 3 onde Liv faz uma interpretação de um momento de jogo com seu pai.

Eu amo vídeo game e jogo de aventura. Um dia eu fui jogar com o papai e olha como foi:

(Interpretação. Finge estar jogando videogame, som Mário Bross ao fundo)

Liv: papai, eu quero jogar com uma princesa! Cadê ela?

(Liv aparece com camisa de futebol e boné para interpretar seu pai)

Pai (Liv): Ah, meu! Ela deve ta lá no castelo. Deve ta dormindo, passando maquiagem, fazendo um rango da hora. Não sei não, mas ela vai ser salva meu.

Liv: O que? A princesa é só pra salvar? Isso não é certo. Eu quero salvar também.

Liv, a partir de sua interpretação, traz o contexto dos jogos de videogame para a discussão, possibilitando pensar sobre a forma como a mídia em geral percebe o lugar de mulheres e homens, trazendo, então, que “nesses artefatos culturais, os heróis, os que salvam sua nação, sua terra ou seu povo, os que acabam sendo os personagens principais das histórias são sempre homens e, se animais, machos” (ESPERANÇA, 2013, p. 42). Essas produções vêm ensinando meninas e meninos formas de ser, mostrando seus lugares e de que forma devem agir. Porém, não necessariamente essas

pedagogias vão interpelar os sujeitos, fazendo-os ter outras escolhas, traçando rotas de fuga, como Liv nos mostra:

Super Mario World é super legal, mas não tem como jogar com a princesa. Então não quero ser a princesa, eu quero ser... Luigi. Ele é muito mais legal, entra no cano, ele pula, ele pula nas tartarugas. Então porque a princesa só fica no castelo, fazendo comidinha. Isso é muito chato, ser salva. Se vocês gostam de ser salva, tudo bem, mas eu gosto de salvar. Eu nasci para ser herói e é por isso que eu faço Judô. E você pode ser o que você quiser. Que tal o homem aranha (aparece vestida com a roupa do homem aranha) “eu sou o homem aranha, eu não to enxergando”. E eu posso ser a mulher maravilha (aparece vestida com a roupa da mulher maravilha), mas ela é tipo Batman só que mulher. Ela luta igual ao que eu gosto. “Oi pessoal” (faz a boneca da mulher maravilha que está segurando falar). E eu posso ser a mulher maravilha limpeza que limpa o banheiro (com luvas de limpeza na mão) ou a mulher maravilha salva o banco.

Liv mostra o desejo pela liberdade de brincar, de poder ter experiências diversas que é tão necessário na infância. A youtuber faz uma cobrança de se identificar nos jogos e desenhos que tanto gosta. Apesar de não ter problemas em vivenciar momentos com personagens masculinos, ela mostra a falta que sente de ter mulheres que representem coragem, força e que façam parte de momentos importantes. É necessário que as mulheres estejam ocupando todos os lugares, porque a visibilidade feminina encoraja meninas a procurar novos ambientes, não aceitando limites para o que podem ser ou fazer.

A partir das diferentes experiências e interações que as crianças vão vivendo, elas estão conhecendo o mundo. Assim, elas não podem ser paradas por cobranças feitas a partir dos gêneros. Liv, quando diz que pode ser o que quiser e faz a Mulher Maravilha salvar o banco e também lavar o banheiro, ela está mostrando as múltiplas identidades que podemos assumir, já que uma atividade não impede de fazer outra. A menina, em outro momento, faz essa mesma consideração ao apresentar seu boneco do Batman e brincar um pouco com ele:

E quem disse que o Batman é só de menino? Nada a ver. Eu gosto e eu sou menina e aí? To nem aí, Hã! Sabe o que ele faz depois de salvar o mundo? Ele faz papa pra ele. “Nossa que delicia esse papa, Liv” (faz o Batman falar).

Essa situação de interação entre brinquedos considerados para gêneros diferentes acontece também no Vídeo 4 em dois momentos, quando Hellen fala de seu irmão e ao final do vídeo, quando encerra com uma brincadeira:

Vídeo 4: Ele também ama brincar de carrinho, mas ama muito mais brincar com as bonecas. Ele sempre pega minhas bonecas e pega um carrinho da Barbie que é rosa e usa muito pra brincar.

Vídeo 4 (Brincadeira):

Barbie: Oi pipa tudo bem?

Pipa: Tudo amiga

Barbie: Que tal a gente soltar um pouquinho de pipa? Deixa eu pegar aqui a linha.

Barbie: UUH (Barbie soltando pipa).

As pessoas, crianças e adultos, têm necessidades como a alimentação. Dessa forma, quando o Batman faz a comida dele, não está fazendo algo de mulher, está fazendo algo que vai lhe alimentar, vai possibilitar que ele continue salvando o mundo. O menino que coloca as bonecas nos carrinhos está realizando uma atividade cotidiana de dirigir que não é de homem ou mulher, mas de quem precisa se locomover para lugares distantes em pouco tempo. Quando a Barbie solta pipa, ela mostra o quanto pode ser divertida essa brincadeira.

Minutos finais: considerações acerca da pesquisa

As crianças, quando se assumem produtoras de conteúdos na plataforma YouTube, mostram o que pensam, que sabem argumentar sobre seu ponto de vista, assim como materializam as infâncias desse tempo, ao mostrarem suas formas de brincar e ser criança. Elas não só estão fazendo ou assistindo aos vídeos, mas também estão ensinando e aprendendo, através das pedagogias presentes nessas produções, conversando com a sociedade, reproduzindo e produzindo significados.

As diferentes discussões sobre gênero que surgiram nas análises mostraram que as crianças podem estar pensando essas questões e que reforçam a importância de possibilitar essas discussões nas diferentes instâncias que elas circulam. Embora alguns vídeos busquem ser contra as discussões de gênero, muitos, ao contrário, mostram como as crianças, desde muito cedo, entendem que as questões de gênero são construções. Dessa forma, se as cores e as brincadeiras foram construídas em um sistema binário, podem ser desconstruídas, permitindo outras aprendizagens que possibilitaria menos preconceito.

A partir dessas reflexões se pode entender que não adianta impedir as discussões de gênero, pois as próprias crianças estão se posicionando e enquanto tivermos

diferentes infâncias, diferentes formas de ser criança, enquanto ainda houver diversidade entre as pessoas, as questões de gênero estarão presentes nos diferentes ambientes, seja o físico ou o virtual.

Referências

ESPERANÇA, Joice Araújo. *Ser criança na sociedade de consumidores: outros tempos, outras infâncias*. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2013. Disponível em: <https://argo.furg.br/?BDTD10393.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FURLANI, Jimena. “*Ideologia de gênero*”? Explicando confusões teóricas presentes na cartilha. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e família, 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/jimena.furlani/media_set?set=a.778486398939707&type=3. Acesso em: 18 nov. 2018.

HELLEN para amores e amoras. *Existe Brinquedos e cores só de menina? Ou só de menino?* Categoria: Guias e estilo. 2018. YouTube. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=KNVqiYM7MKY>. Acesso em: 25 de nov. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de Gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. *Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

MEU NOME é Liv. *Brinquedos*. Categoria: Pessoas e blogs. 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVxZe0BRP1Q>. Acesso em: 25 nov. 2018.

O MUNDO de Otávio. *Ideologia de gênero*. Categoria: entretenimento. 2017. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XvEYSISAEiU>. Acesso em: 25 nov. 2018.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freitas. As identidades de gênero. In. RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. 3 ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

TRIO R3. *Nosso gênero vem de Deus (clipe oficial)*. Categoria: Música. 2018. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXo7cyfRLAc>. Acesso em: 25 nov. 2018

Recebido em Dezembro de 2018.

Aprovado em Janeiro de 2019.